



BIROn - Birkbeck Institutional Research Online

Frosh, Stephen (2023) Vestígios de Resistência (Traces of Resistance). Lugar Comum 66 , pp. 92-104. ISSN 1415-8604.

Downloaded from: <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/51194/>

Usage Guidelines:

Please refer to usage guidelines at <https://eprints.bbk.ac.uk/policies.html>
contact lib-eprints@bbk.ac.uk.

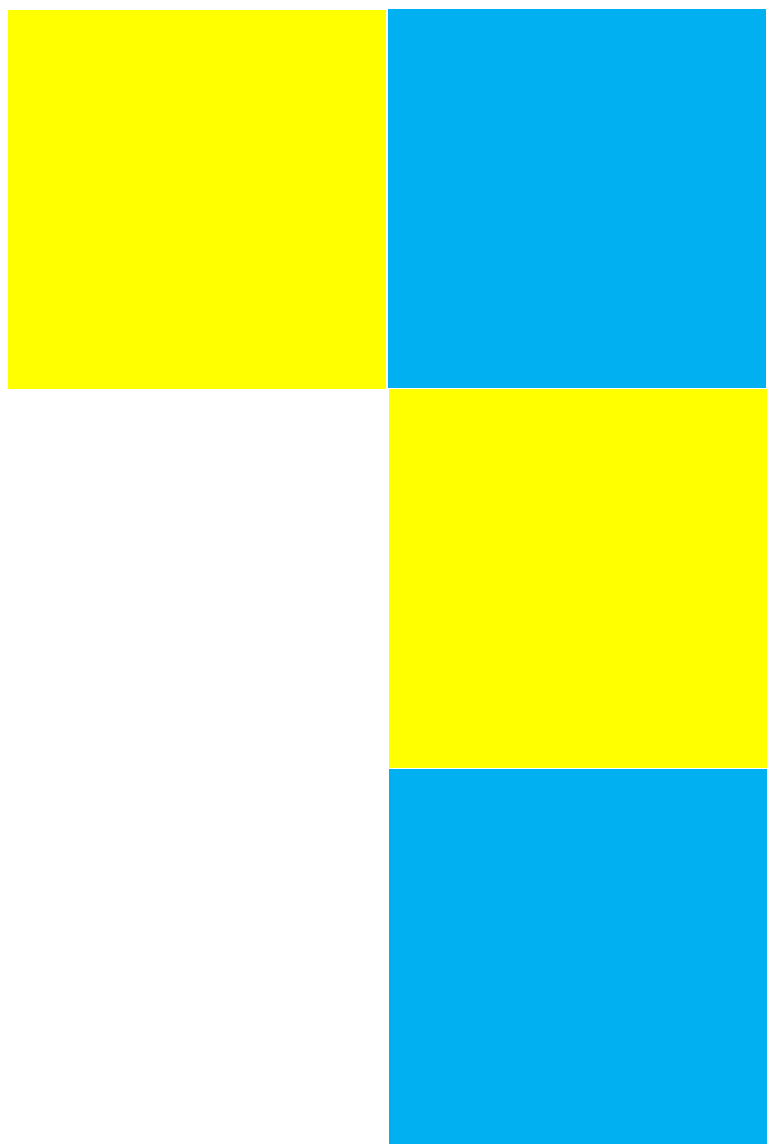
or alternatively

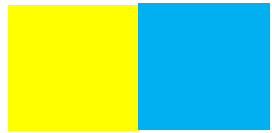
Vestígios de resistência

Stephen Frosh

*Professor de psicologia, no Departamento de Estudos Psicossociais em
Birbeck University of London.*

Tradução de Carolina Salomão e Clarissa Naback





Resumo: Este artigo apresenta um breve "estudo de caso" de um protesto social bem sucedido na Alemanha nazista para levantar algumas questões sobre os efeitos de certos tipos de protestos espontâneos de rua e como eles podem ter ressonâncias e vestígios que evocam, gerações mais tarde, reações inquietantes. Há muitas razões para isso: por exemplo, a mudança política, o contexto se torna mais claro. Também é possível que alguns eventos se tornem portadores sintomáticos de um conjunto mais amplo de preocupações e formas de ser em disputa, talvez desafiando outras narrativas de resistência (ou não-resistência). Ou seja, às vezes pode ser difícil celebrar um protesto não por ser corrompido, mas sim porque põe em questão a inação de outros. Isto pode então se tornar uma das questões em torno do esquecimento: se nos lembrarmos do que os outros fizeram, pode nos fazer pensar sobre as coisas que não fizemos.

Palavras-chave: Alemanha; nazismo; resistência; protesto de rua.

Traces of resistance

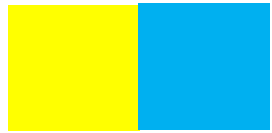
Abstract: This paper presents a brief 'case study' of a successful social protest in Nazi Germany to raise some questions about the effects of certain kinds of spontaneous street protests and how they can have resonances and traces that evoke unsettled reactions generations later. There are many reasons for this: for example, the politics change, the context becomes clearer. It is also possible that some events become symptomatic carriers of a broader set of concerns and disputed ways of being, perhaps challenging other narratives of resistance (or non-resistance). That is, sometimes it might be hard to celebrate a protest not because it was corrupt, but rather because it calls into question the inaction of others. This can then become one of the issues around forgetting: if we recall what others did, it might make us wonder about the things we failed to do.

Keywords: Germany; Nazism; resistance; street protests.

Introdução

Os protestos coletivos de rua têm suas complexidades, assim como suas produtividades. Eles geralmente parecem progressistas, mas não temos que pensar muito longe para perceber que, às vezes, eles se tornam um ponto de partida (ou uma referência): comícios de direita e anti-refugiados de tipo vergonhoso têm se constituído nas ruas nos últimos anos. Às vezes os protestos de rua representam a "vontade do povo" de formas que não são particularmente enobrecedoras; e muitas vezes são confusos e infelizes em relação aos objetivos progressistas. É relevante a diferença entre os protestos de rua que são "gerenciados" por interesses estatais e aqueles que surgem aparentemente "espontaneamente" - como nos protestos "20-centavos" de 2013, nos quais um gatilho relativamente pequeno (o aumento dos preços dos ônibus em São Paulo) liberou antagonismos que levaram a manifestações de grande escala contra a corrupção nas grandes cidades brasileiras? Mais uma vez, isto obviamente não se aplica; mesmo as manifestações da primavera árabe, tão empolgantes na época, agora parecem ambíguas - ou talvez seja apenas que o que quer que as tenha desencadeado, elas foram facilmente colonizadas pelas forças da reação.

Este é um conjunto óbvio de incertezas, mas podemos também pensar nos efeitos de certos tipos de protestos de rua genuinamente espontâneos - mesmo os bem sucedidos - e como eles podem ter ressonâncias e vestígios que evocam reações inquietantes gerações mais tarde. Há muitas razões para isso: com a mudança política, o contexto torna-se mais claro e há ondulações observáveis que não eram visíveis na época. Também é possível que alguns eventos se tornem portadores sintomáticos de um conjunto mais amplo de preocupações e modos de ser em disputa, e que estes tenham um impacto incômodo. Pode ser que os protestos não pareçam mais tão puros como na época; também pode ser, sem contradizer isto, que pareçam ainda mais puros, desafiando as outras narrativas de resistência (ou não-resistência). Ou seja, às vezes pode ser difícil celebrar um protesto não por que ele foi corrompido, mas sim porque põe em questão a



omissão dos outros. Isto pode então se tornar uma das questões em torno da oclusão da memória: se nos lembrarmos do que os outros fizeram, isso pode nos fazer pensar sobre as coisas que não fazemos.

Neste documento, quero oferecer um exemplo um pouco obscuro, embora de forma algum desconhecido, levantando um conjunto de questões em torno das contingências que poderiam tornar um protesto "impossível" inesperadamente bem-sucedido, e também - mais importante - como o sucesso de tais protestos poderiam ser negligenciado precisamente porque levantam questões perturbadoras sobre o que poderia ter acontecido. Para dizer isto mais claramente: se os protestos podem funcionar, então por que tantos de nós não protestamos? Às vezes é mais fácil preservar o mito (embora às vezes seja uma verdade) de que a resistência é impossível do que reconhecer que, se tivéssemos sido mais corajosos, poderíamos ter conseguido mais do que poderíamos pensar.

O Protesto

A alegação geral sobre uma resistência popular aos nazistas na Alemanha era de que isso era quase impossível. Os nazistas foram extraordinariamente eficientes em reprimir os grupos de oposição durante os anos 30; eles criaram um clima de suspeita e ódio na Alemanha que significava que ninguém podia ser confiável e que bloqueou a possibilidade de qualquer movimento de resistência a ser formado; e eles perseguiram impiedosamente aqueles que fizeram complôs, tentativas de assassinato e operações secretas contra eles. Houve muito pouca resistência pública à atividade nazista uma vez que eles se tornaram dominantes; e isto continuou praticamente até o fim, mesmo depois que ficou claro que a Alemanha estava perdendo a guerra. Isto tem sido interpretado de várias maneiras: como consequência do poder nazista e de sua brutal disposição em usá-lo; como resultado da propaganda e ideologia esmagadora do nazismo que de alguma forma infectou toda a população e a levou a um estado de crença irracional em sua probidade (lógica implícita em programas posteriores de 'desnazificação'); ou como a indiferente vontade dos chamados alemães 'comuns' de alinhar com o nazismo, tendo

sido suavizada por gerações de ideologia antissemítica - o argumento básico dos executores da vontade de Daniel Goldhagen de Hitler. Esta última tese tem sido criticada com bastante rigor por muitos historiadores de renome, por isso não quero pressioná-la aqui; no entanto... há algo a mais... o que quer dizer, que talvez algo a mais poderia ter sido feito. Sabemos que houve muitos episódios menores, mas ainda imensamente corajosos, de resistência na Alemanha durante o período nazista e que estes foram extremamente perigosos para as pessoas envolvidas; mas será que o protesto coletivo foi alguma vez possível? Poderia ter feito alguma diferença, ou a história do controle totalitário nazista é realmente verdadeira? E se tivesse havido tais episódios de resistência, o que significariam agora, no contexto de um processo de memorialização, um traçado da história que oferece um tipo diferente de narrativa comunitária, uma narrativa na qual apenas os "corajosos alemães" excepcionais poderiam enfrentar o poder esmagador do regime, perdendo irremediavelmente essa batalha - o que por sua vez significa que, por mais vergonhoso que seja o período, ninguém poderia ser completamente culpado, porque, diante desse regime, nada poderia ser feito?

Como já observei, este é um pequeno contra-exemplo, e um contra-exemplo confuso. O protesto da Rosenstrasse do final de fevereiro e início de março de 1943 ficou conhecido após o trabalho do historiador americano Nathan Stoltzfus e a publicação de seu livro de 1996, *Resistance of the Heart: Inter-marriage and the Rosenstraße Protest in Nazi Germany*. A controvérsia permanece sobre alguns dos detalhes - o número exato de pessoas envolvidas, por exemplo - e também sobre seus efeitos, com alguns escritores argumentando que não teve nenhum impacto real na política nazista, que os nazistas fizeram o que pretendiam fazer de qualquer maneira. No entanto, o consenso parece ser com Stoltzfus, que apresenta o protesto como um raro exemplo de resistência popular espontânea que fez a hierarquia nazista recuar.

O arcabouço da história é o seguinte. Notavelmente, houve muitos casamentos "mistos" de judeus e alemães não judeus que foram sustentados durante o período nazista, apesar das circunstâncias extremamente difíceis em que ocorreram, envolvendo perda de cidadania e emprego e sujeição dos casais ao escrutínio e abuso por parte de seus vizinhos.



Apesar disso, pelo menos 90% dos alemães casados permaneceram com seus cônjuges, e quase todos os judeus na Alemanha que sobreviveram ao período nazista eram parceiros de não-judeus. No final de 1942, ainda havia quase 30.000 desses casamentos na Alemanha, metade dos quais em Berlim. Há muita ambigüidade mesmo aqui: por exemplo, a lealdade da maioria das mulheres envolvidas em ficar com seus maridos judeus era em si um reflexo da ideologia familiar da época, já que as mulheres eram responsáveis pela manutenção da família, e a imagem da mulher como protetora feroz do casamento e da vida familiar foi amplamente aprovada. Elas também conheciam a vulnerabilidade desses maridos: se os casamentos terminassem, na prática, terminariam também suas vidas”.

Em 27 de fevereiro de 1943, houve uma grande ação em Berlim, na qual os 9000-10.000 judeus restantes da cidade foram reunidos. Estes judeus foram autorizados a permanecer, ou porque estavam empregados em indústrias "essenciais" ou porque eram casados com "arianos", ou eram os filhos "Mischlinge" de tais casamentos. Stoltzfus comenta:

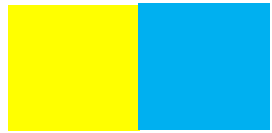
“Este foi o capítulo mais brutal da expulsão de judeus em Berlim. Sem aviso prévio, as SS invadiram as fábricas de Berlim e prenderam os judeus que ainda trabalhavam lá. Simultaneamente, em toda a capital do Reich, a Gestapo prendeu os judeus de suas casas. Qualquer um que estivesse nas ruas usando a "Estrela de David" também foi abruptamente levado com os outros judeus para enormes centros de coleta provisórios no centro de Berlim, em preparação para deportações massivas para Auschwitz.”

De fato, há algum debate sobre isto: dos cerca de 10.000 judeus reunidos, cerca de 8.000 foram deportados para Auschwitz, onde morreram. Os 1700-2000 judeus casados entre si e Mischlinge foram separados dos demais e levados para o antigo centro cultural judeu em 2-4 Rosenstrasse para "processamento"; lá foram mantidos em condições apertadas e insalubres enquanto os nazistas os preparavam para a deportação. Alguns historiadores argumentam que a intenção dos nazistas sempre foi usar essas pessoas em campos de trabalho forçado ao redor de Berlim e outras grandes cidades alemãs; outros pensam que eles estavam destinados a Auschwitz, e certamente houve vários enviados

para lá que acabaram como prisioneiros e trabalhadores, em vez de serem exterminados rotineiramente. Seja qual for a intenção, a perspectiva das famílias dos prisioneiros era simples: os judeus reunidos pelos nazistas foram deportados e não retornaram - todos sabiam disso - e este era o destino que aguardava seus maridos.

Foi aqui que o protesto de rua começou, talvez acidentalmente no início, mas com determinação e foco crescentes. Como seus maridos não conseguiram voltar para casa no final do dia de trabalho, esposas e irmãos alemães ouviram o boato de que estavam presos na Rosenstrasse e foram descobrir o que estava acontecendo. Lá eles descobriram que o edifício estava isolado, um sinal seguro de que o boato estava correto, então as mulheres se reuniram e começaram a gritar e a cantar que queriam seus maridos de volta. Ao final do segundo dia, cerca de 200 mulheres haviam se reunido, e este número cresceu durante o resto da semana, provavelmente para cerca de 600 - embora, como em muitos outros aspectos, este número sejam contestados por alguns historiadores que pensam que nunca houve mais do que cerca de 200, enquanto outros relatos afirmaram que até 6000 estavam envolvidos. As mulheres que protestavam estavam realmente em perigo: a Gestapo estava por toda parte, tiros foram disparados sobre a cabeça da multidão; alguns dos supostos "mandantes" (embora não esteja claro que houvesse algum) foram presos e detidos para interrogatório durante um dia. Um momento decisivo parece ter sido aquele em que as metralhadoras foram treinadas sobre a multidão; as mulheres, aparentemente pensando que seriam baleadas de qualquer maneira, gritaram aos homens da SS: "Seus assassinos!" e as armas foram abaixadas.

Por que isso aconteceu, dada a famosa brutalidade do regime e da Gestapo? Diversos fatores parecem ter agido a favor dos manifestantes. Um deles foi a ideologia oficialmente aprovada que, em parte, alimentou sua lealdade a seus maridos: estas eram mulheres arianas alemãs que seguiam a versão idealizada do que uma esposa deveria fazer, demonstrando sua adesão absoluta à primazia da vida familiar. Esta ideologia foi também, talvez inesperadamente, uma razão pela qual as mulheres estavam se tornando uma

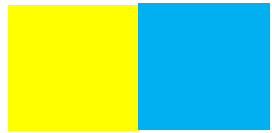


importante fonte potencial de resistência ao regime nazista neste momento. Imediatamente após Stalingrado, começava a ficar evidente que a guerra não seria vencida facilmente, e possivelmente nem seria vencida, e que os sacrifícios que as mulheres estavam fazendo provavelmente aumentariam e, ainda assim, seriam em vão: seus homens enviados à guerra, seus alimentos racionados e agora novas exigências de que elas abandonem seu lugar social e politicamente aprovado no lar e fossem trabalhar para o esforço de guerra, uma exigência que se mostrou inexequível diante da forte tradição conservadora das mulheres como donas de casas e sustentadoras de suas famílias. Desta forma estranha, as mulheres que protestavam estavam decretando um papel que tinha um enorme apelo popular e que estava de acordo com a propaganda nazista, embora na verdade o fizessem num contexto paradoxal: solidariedade com seus cônjuges, que por acaso eram judeus. A "família acima de tudo" parece ter sido a mensagem, uma mensagem muito difícil para o regime contra-atacar. Como exemplo da confusão produzida, Stoltzfus relata que "Um homem da Gestapo que sem dúvida teria feito sua parte para deportar os judeus presos na Rosenstraße ficou tão impressionado com as pessoas nas ruas que, segurando suas mãos em um fecho de vitória de solidariedade com um judeu prestes a ser libertado, pronunciou com orgulho: "Vocês serão libertados, seus parentes protestaram por vocês". Isso é lealdade alemã".

Além desses fatores "ideológicos" de proteção, havia outro importante e pragmático. As autoridades estavam em um dilema sobre como era difícil reprimir a dissidência, porque obviamente não se tratava de uma conspiração, mas de uma revolta popular, embora muito pequena. A preocupação que tinham depois de Stalingrado e do primeiro bombardeio dos Aliados em Berlim, ocorrido em 1º de março, enquanto o protesto acontecia, era que tais revoltas comesçassem a ganhar força, que se deixassem esta faísca virar fogo isso poderia se espalhar para outras áreas e minar o controle nazista em um momento frágil. Como o protesto era altamente incomum como uma demonstração explícita e aberta de dissidência na Alemanha nazista, a notícia se espalhou rapidamente tanto dentro do país como internacionalmente, aumentando esta ansiedade. Foi

provavelmente esta preocupação que levou Goebbels a decidir que era melhor libertar os detentos da Rosenstrasse, que por esta altura já havia se tornado insalubre e opressiva. Os primeiros judeus foram enviados para casa já em 1º de março; nas duas semanas seguintes, quase todos foram libertados, e embora um pequeno número tivesse sido deportado para Auschwitz, 35 deles foram devolvidos, enquanto os outros 25 que lá permaneceram foram mantidos como prisioneiros "protegidos" (Schutzhäftlinge), em vez de exterminados. A explicação oficial dada para o enfrentamento foi que a Gestapo havia excedido sua autoridade ao prender os judeus casados, uma vez que anteriormente havia sido decidido deixar de lidar com eles até depois da vitória da guerra alemã. Seja qual for a verdade, estes judeus sobreviveram à guerra, registrados oficialmente na polícia, recebendo rações e trabalhando em empregos reconhecidos.

Depois da guerra, como muitas outras coisas, os acontecimentos desses dias foram esquecidos. Esta amnésia continuou até 1995, quando um memorial esculpido chamado Block der Frauen (Bloco das Mulheres) de Ingeborg Hunzinger foi erguido; Hunzinger pagou a maior parte disto ela mesma. Outros memoriais se seguiram: uma placa comemorativa em 1998 e uma exposição ao ar livre pela Topografia do Terror de Berlim, em 1999. Além disso, houve um filme de Margarethe von Trotta, de 2003, que parece ter tido muito sucesso na Alemanha; mas também teve uma pré-história conturbada nos anos 90, quando a idéia de que poderia ter sido possível resistir aos nazistas ainda era muito preocupante. Em uma entrevista ao Financial Times em 2004, von Trotta disse: "Hannah Arendt diz: "Quando todos são culpados, ninguém é culpado". Assim, gostei da idéia de colocar outro espelho para as pessoas olharem - para mostrar que estas mulheres se comportaram de maneira diferente, e conseguiram". Stoltzfus afirma, "No protesto na Rosenstraße houve um tremeluzir de uma pequena tocha, que poderia ter acendido o fogo da resistência geral se os alemães tivessem tomado nota das mulheres na Rosenstraße e imitado suas ações de desobediência civil em massa. Talvez não o tivessem feito porque estavam acostumadas a pensar que nem as mulheres, nem as ações não violentas,



poderiam ser politicamente poderosas". Talvez elas também estivessem muito assustadas, o que teria sido compreensível; ou talvez simplesmente não se importassem.

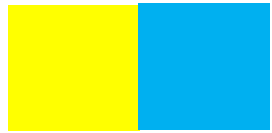
Algo poderia ter sido feito

Deixarei o debate histórico para os historiadores e, em vez disso, tentarei retomar a questão do que significa ser confrontado com a percepção de que algo poderia ter sido feito, por mais complicado e arriscado que pudesse ter sido. Pois esta parece ser a questão chave aqui. A história, ou o mito, de que era impossível para o povo alemão resistir aos nazistas exonera-os e foi mantida com bastante força depois da guerra; a acusação igualmente ampla de Hitler's Willing Executioners de que todo o povo alemão era cúmplice da brutalidade anti-semita nazista também produz, de certa forma, uma espécie de determinismo histórico que afasta a agência daqueles que poderiam ter resistido, ou que de fato resistiram. Estas leituras da passividade alemã são obviamente radicalmente distintas umas das outras, com implicações muito diferentes. Goldhagen levantou a questão da culpabilidade generalizada - uma cultura de "antisemitismo eliminacionista" específica da Alemanha - e, embora esta tese tenha sido alvo de um ataque poderoso e convincente, ainda assim abriu um debate sobre os limites e o nível de responsabilidade dos chamados alemães "comuns" (isto é, não nazistas). A tese "não podíamos resistir" tem algumas raízes na realidade - ninguém está sugerindo que a resistência foi de alguma forma fácil ou não sem riscos graves - mas também funciona de outra forma, a serviço da negação. Se "não pudemos resistir", então não há qualquer opróbrio em não ter resistido; se há exemplos de resistência tendo sido bem sucedida, então levanta a questão de por que "nós" não fizemos mais. Goldhagen pode dar uma resposta a isto, mesmo que não seja muito saborosa.

O exemplo da Rosenstrasse é complicado pela mistura de motivos e aspectos ideológicos do protesto. As mulheres estavam determinadas a fazer frente ao Estado e, em aspectos importantes, estavam em desacordo com ele através de seu compromisso com seus cônjuges judeus, mas mesmo assim eram participantes de alguma de sua ideologia,

ou pelo menos ganhavam proteção contra essa ideologia. Isto é importante em relação à avaliação geral dos protestos de rua e seu sucesso: elas trabalham melhor quando se conectam com algo da ideologia hegemônica, tornando difícil para as "autoridades" se apegarem totalmente? Se 'judeu' tivesse dominado sobre 'família', como poderia facilmente ter feito em outro ponto da guerra, a Gestapo teria agido com sua impunidade habitual? E de modo mais geral, como julgamos as mulheres: como resistentes de rua, mostrando bravura, o que certamente fizeram, e tão merecedoras da memorialização que lhes foi oferecida; ou simplesmente como individualistas, agindo apenas porque seus próprios interesses diretos foram ameaçados, mas de outra forma concentrados em manter a cabeça baixa? Afinal, até onde pude ver, não houve mais atos de resistência de sua parte, mesmo estando agora plenamente conscientes da ameaça a que os judeus estavam sujeitos.

O outro elemento que me interessa aqui é mais a forma como esta ação possivelmente heróica se torna uma acusação - se eles poderiam fazer isto, por que ninguém mais poderia? O Bloco de Mulheres é relevante, especialmente na questão de saber se é um memorial ao protesto, ou mais geralmente ao tratamento dos judeus. O relato dele no site "Visite Berlim", presumivelmente uma fonte significativa de informação para turistas e outros, deixa esta questão em aberto. Ela afirma que a escultura "serve como um monumento à coragem das mulheres que põem suas vidas em risco para garantir a liberdade de seus maridos". Além disso, o monumento serve como um lembrete da discriminação e perseguição étnica do dia-a-dia e de suas conseqüências finais para a cultura judaica". O "Além disso" é importante, sugerindo adição, mas minha impressão é mais de deslocamento - isto se torna mais um memorial (que não quer dizer que não vale a pena) ao tratamento dos judeus, e talvez de forma subsidiária uma heroicidade do protesto, mas permite que a complexidade das questões históricas se desvaneça. O que exatamente está sendo memorializado: resistência ou sofrimento; e a quem é dirigido?



Em seu cuidadoso exame do memorial da Rosenstrasse, Hilary Potter provoca de forma convincente a inquietante ambiguidade da escultura de Hunzinger. Ela observa o uso da simbologia judaica tradicional para identificar a natureza especificamente judaica do sofrimento naquela época, e também como é "uma ausência de simbolismo, um "código zero" em torno de várias figuras" que as marca como não judaicas ou cristãs.



Além disso, as várias divisões da escultura tornam os não-judeus presentes - de fato, eles chegam até a alcançar os judeus - mas algo também os separa. Este "algo" é uma quebra violenta na interação entre a cultura alemã e a judaica ao longo do século; depois dos nazistas, há uma divisão intransponível. Potter argumenta que a memorialização da Rosenstrasse ocorreu no contexto de uma nova tentativa nos anos 90 de pensar na solidariedade judaico-alemã; mas, ela aponta que, embora alguns aspectos desta solidariedade fossem reais, a situação era muito mais ambígua do que se poderia pensar. Esta ambiguidade é bem capturada nos códigos simbólicos do memorial. Além de sua apresentação da solidariedade judaico-alemã que realmente ocorreu no protesto, o trabalho de Hunzinger também retrata de forma viva a destruição dos judeus e a não participação geral dos alemães "comuns" na resistência a isso; ou seja, o próprio protesto destaca sua negação, a indiferença geral. Por exemplo, entre as figuras esculpidas estão um músico com um violino e um arco quebrados, e um homem sentado sozinho em um banco.



Comentários de Potters,

Enquanto o músico representa perda e luto, as críticas também são implícitas, sugerindo que... houve pouca resistência à perseguição judaica... O homem no banco é assim simbólico da testemunha, o espectador, olhando enquanto seu antigo companheiro



é perseguido. Sua presença poderia servir para destacar a passividade dos alemães diante da perseguição judaica, indicando cumplicidade silenciosa... Block of Women honra o heroísmo daqueles que demonstraram solidariedade com os alemães judeus, mas não procura desprendê-lo do contexto daqueles que não o fizeram.

Como tenho observado ao longo do tempo, este é um exemplo complicado e contraditório: o protesto das mulheres funcionou por inúmeras razões contingentes, e poderia facilmente ter sido desastroso para elas; e por causa de sua bravura, foi até reivindicado por alguns como uma instância exemplar da moralidade ariana. Mas deixando de lado essas contingências, o exemplo da Rosenstrasse também levanta uma questão geral sobre o que significa descobrir que, afinal de contas, poderia ter sido possível fazer algo. A questão da culpabilidade assombra o futuro, e as gerações futuras também. Parece que algo está aparentemente colocado para descansar - a questão da culpa, aqui na ausência de resistência - apenas para despertar quando algo novo vier à tona. O ponto aqui, trazido à mente muito fortemente neste caso, mas talvez presente em todos os outros momentos de mobilização também, é que se alguns podem resistir, se os protestos nas ruas podem funcionar, então o que de nós que não participamos, que nos sentamos em casa e esperamos ou assistimos, que ficamos longe? Em que momento as vozes perdidas da história começam a ser ouvidas, no sentido de que nos tornamos conscientes de um poder-estar, até mesmo um dever-estar, tornado audível uma vez que a resistência real de alguns é permitida na consciência? Não estou reclamando nenhum alto nível moral aqui, mas sim que as oportunidades perdidas de resistência se juntam às outras memórias ocultas que nos atormentam - memórias de cumplicidade direta com a opressão e o sofrimento, de censuras e fracassos de ação, de resistência à resistência quando é a resistência real que é necessária. Quando as pessoas protestam, outros olham; mais tarde, eles dizem que nada poderia ter sido feito. Muitas vezes estão certos de que nada teria sido bem sucedido, mas às vezes estão errados, e sempre há um pequeno barulho que poderia ter sido feito, ou mesmo - na hora certa - um grande grito de "Assassino, abaixe sua arma".